

O ESTADO DE UMA CERTA HISTÓRIA DO CORAÇÃO HUMANO

*ou o por que, para que e como escrever
hoje uma história do coração humano¹*

THE STATE OF A CERTAIN HISTORY OF THE HUMAN HEART

*or why, so that and how to write
a history of the human heart today*

Dante Marcello Claramonte Gallian

Doutor em História Social -FFLCH-USP

Docente e Diretor do CeHFi -UNIFESP

Professor Visitante no Centre de Recherches Historiques -EHESS-Paris

e-mail: dante.cehfi@epm.br

Resumo: Este artigo apresenta as motivações e justificativas para um projeto de pesquisa sobre a História do Coração Humano.

Palavras-chave: Coração, História do Coração Humano, Coração Tema e Objeto de Pesquisa.

Abstract: This article presents the motivations and justifications to a research project about the history of the Human Heart.

Keywords: Heart, History of the Human Heart, Heart like a Subject and Research Object.

¹ Artigo originalmente escrito para ser apresentado no evento de lançamento do número 4 da revista Agnes, do Grupo de Pesquisa Religião: Teoria e Experiência, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé, da PUC-SP. O evento teve lugar nesta universidade no dia 22 de novembro de 2006. Optei por manter o texto em sua forma original, mais coloquial, apropriada para sua apresentação oral.

Um tema especial e surpreendente

O tema do Coração Humano tem um significado muito especial para mim. Primeiramente, porque não fui eu que o escolhi, mas sim ele que me escolheu, dentro de uma perspectiva, poderíamos dizer, erótica – no sentido “ratzingeriano” do termo (*Deus Caritas Est*, nº 3 e ss.). Num segundo momento, outra coisa interessante que acabou reforçando o tom especial desta *escolha*, foi e é a repercussão que o simples mencionar do tema provoca nas pessoas: surpresa, admiração, interesse e, por vezes, até entusiasmo. Isso é algo que me deixa feliz – aliás, que deveria deixar feliz qualquer pesquisador: que o tema de sua pesquisa seja significativo não apenas para ele mesmo ou para um grupo muito pequeno de especialistas, mas também e principalmente para outras pessoas, de dentro e de fora do mundo acadêmico. Tal fenômeno não é algo de somenos importância, já que a tendência tem sido a do isolamento, do hermetismo cada vez mais técnico e hiper-especializado do intelectual em relação à sociedade, em relação ao mundo real lá de fora.

Pude perceber, desde que me envolvi com este assunto, que o tema do coração, da História do Coração Humano, instintivamente provoca interesse. É óbvio que muitas vezes manifesta-se o estranhamento: “Como assim a história do coração?” Um estranhamento não destituído de fascínio... Mas uma vez explicado que se trata de estudar a forma como o coração humano foi sendo compreendido, interpretado, representado ao longo dos tempos, nas mais diversas culturas e civilizações – porque é disso que se trata o projeto a princípio – o fascínio e o interesse não apenas subsistem ao desaparecimento do estranhamento, como inclusive crescem.

Le Coeur Compte – O Coração Conta. Este é o título do ensaio com que Paul Claudel prefacia um número dos *Études Carmelitaines*, todo ele dedicado ao coração (CLAUDEL, 1950, p.11-13). Efetivamente, o coração conta, bate, pulsa e repercute. A simples menção do seu nome é suficiente para despertar em nós algo de indistintamente profundo e atraente, íntimo e misterioso, gozoso e preocupante, tudo ao mesmo tempo.

Nas últimas décadas ele, o coração, tem atraído de maneira crescente as atenções, à medida que se transformou no grande vilão da sociedade contemporânea pós-moderna “hiper-urbanizada” e neurótica. As estatísticas vêm apontando as doenças cardiovasculares como uma das principais causas de mortalidade em todo o mundo desenvolvido ou em vias de desenvolvimento. É quase impossível não topar, diariamente, nos principais veículos de comunicação - mídia impressa, eletrônica, cibernética - com notícias sobre este nosso suscetível amigo. São estatísticas, informações sobre sintomas e causas das doenças coronarianas, métodos preventivos para controlar o colesterol, novas técnicas cirúrgicas de desobstrução das artérias, veias, válvulas, operações de transplante, desenvolvimento de substitutos artificiais, mudanças de hábitos para evitar o pior, etc.

Mas a surpresa, o interesse e o entusiasmo que noto nas pessoas com quem comento o tema de minha pesquisa, certamente não se dá por causa deste fenômeno “midiático-epidemiológico” dos tempos que correm; pelo menos, não de forma direta. Obviamente ninguém imagina que um trabalho sobre a História do Coração Humano possa contribuir para o desenvolvimento de algum medicamento ou método preventivo que livre as pessoas do risco de um enfarte do miocárdio – pelo menos não conscientemente... Toda essa reação frente ao tema do coração se dá, certamente, por outros fatores que apesar de estarem de alguma maneira relacionados com o que foi mencionado acima, remetem a outras instâncias e âmbitos do humano que será necessário investigar. E que, em última análise, é o que de forma mais ou menos consciente me levou a embarcar nesta aventura de estudar o coração humano.

É que todos nós sabemos que o coração é muito mais do que um “músculo oco, de forma cônica, responsável pela circulação do sangue no corpo” (*Macmillan Dictionary of Life Sciences*, 1991, p. 172). Não sabemos?

Como Tudo Começou

Toda esta história de se estudar o coração numa “perspectiva histórica” – ou, pelo menos, numa perspectiva que não fosse a da tradicional cardiologia – surgiu, ironicamente, numa atividade envolvendo médicos e estudantes

de medicina, desenvolvida pelo Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) da UNIFESP, chamada Laboratório de Humanidades e que consiste em ler, analisar e discutir obras clássicas da literatura.

Um dos primeiros livros que lemos e discutimos foi “Vá Aonde Seu Coração Mandar”, de Susanna Tamaro. Trata-se de um “romance epistolar”. Uma série de cartas escritas por uma avó (Olga) que vive em Trieste, para a neta a quem criou e que em certo momento sai de casa para viver sua própria vida bem longe, na América. Através das cartas vai se esboçando a história das personagens e seus conflitos geracionais, e o tema do coração se apresenta, obviamente - como sugere o próprio título do romance - central.

Num determinado momento, quando Olga, a avó, escreve sobre uma das brigas que tinha com a filha, Ilaria, afirma:

Quando sua mãe me agredia com toda a sua arrogância, eu lhe dizia: ‘Você me machuca o coração’. Ela ria. ‘Não seja ridícula’, respondia, ‘o coração é apenas um músculo; se não o cansar, não pode doer. (TAMARO, 1995, p.121)

E noutro trecho, central para o desenrolar do romance, Olga escreve:

Impondo uma excessiva rigidez à mente, Ilaria suprimira dentro de si a voz do coração. De tanto discutir com ela, até eu tinha medo de proferir essa palavra. Uma vez, quando ela era ainda adolescente, eu lhe dissera: o coração é o centro do espírito. Na manhã seguinte, encontrei na mesa da cozinha o dicionário aberto no verbete espírito: com um lápis vermelho sublinhara a definição: líquido incolor apropriado para a conservação da fruta.

A esta altura dos acontecimentos, o coração já faz pensar em algo ingênuo e barato. Quando eu era jovem, ainda era possível mencioná-lo sem embaraço; agora, porém é um termo que ninguém mais usa. As raras vezes em que é mencionado só o é para que seja lembrada alguma de suas disfunções: já não é o coração em sua totalidade, e sim uma isquemia coronariana, uma ligeira dor atrioventricular; mas dele inteiro, dele como centro da alma humana, já não se fala. (TAMARO, 1995, p.61)

À medida que vai escrevendo para a neta, Olga revisa toda sua trajetória; identificando e compreendendo a si mesma, revê sua educação formalista e hipócrita na infância, a necessidade de se adequar a um modelo pré-estabelecido de jovem, de mulher, próprio de uma sociedade burguesa européia da primeira metade do século passado. E, depois, a tentativa de ser feliz, de seguir a voz do seu próprio coração e os conflitos e tragédias decorrentes daí. No fim, já no ocaso da vida, Olga, compreendendo e aceitando sua trágica trajetória, acredita ter desvendado o mistério, reconhecendo, ao mesmo tempo, que esta descoberta precisava ser transmitida a alguém, especialmente à sua neta. E a sua conclusão fundamental é a de que o coração, além do músculo responsável pela circulação do sangue, é, fundamentalmente, o centro vital da nossa vida moral; o centro da nossa consciência, onde se gestam o nosso destino e as nossas decisões. Se o ouvirmos e procurarmos segui-lo iremos sofrer, sem dúvida, mas seremos felizes; nós nos realizaremos como pessoas. Se não... Se seguirmos apenas a voz da mente, da “razão” puramente intelectual...

Certamente essas idéias não são originais. Elas na verdade atualizam todo um saber, toda uma sabedoria fundamental que perpassa muitas tradições no Ocidente e no Oriente. Elas simplesmente reaparecem aqui com uma força inusitada, sem dúvida em função do contexto cultural marcado pelo paradoxo, próprio do nosso tempo.

Num outro trecho significativo a personagem Olga escreve:

A mente é tão moderna quanto o coração é antigo. Quem liga para o coração – pensa-se então – ainda está perto do mundo animal, do descontrolado, ao passo que quem cuida da razão se aproxima das mais elevadas reflexões. E se as coisas não fossem assim, se a verdade fosse exatamente o contrário? Se fosse justamente esse excesso de razão o que desnute a vida? (TAMARO, 1995, p.61-2)

Independentemente do caráter quase simplório de como as coisas são apresentadas no texto de Tamaro – em alguns momentos tem-se a impressão de que estamos diante de um livro de auto-ajuda – o impacto que sua leitura produz é grande. Digo por mim mesmo e por quase todos os médicos e estudantes que participaram daquelas sessões do Laboratório de Humanidades. E atribuo isso não apenas à força da narrativa em si – há que se admitir que Tamaro, pelo menos neste livro “acertou a mão” – mas

também e principalmente, pela força da imagem, do “objeto” escolhido: o coração. Ele repercutiu mais do que a história em si e gerou ao longo de pelo menos quatro semanas inúmeras discussões, reflexões, elucubrações, testemunhos... E um tema de pesquisa!

Num certo momento da discussão, uma aluna do terceiro ano do curso médico fez-me uma pergunta que foi “fatal”: em que momento o coração deixou de ser esta coisa tão complexa, centro do espírito e da alma humana, para passar a ser apenas um músculo? Ninguém escreveu ainda esta história?

Isso me instigou e me intrigou. Naquele mesmo dia, comecei uma busca que, partindo do “Google”, chegou até o acervo das principais bibliotecas das melhores universidades européias e norte-americanas. E o resultado foi surpreendente: descobri que ninguém ainda havia escrito uma história do coração humano - pelo menos não com este título, na forma de livro e nas línguas mais importantes do Ocidente. Tudo o que encontrei foram referências a artigos e trabalhos específicos que abordavam o tema do coração em certas circunstâncias restritas, tais como “O coração na medicina chinesa” ou “A utilização de corações humanos em rituais antropofágicos”, etc.

Um pouco mais tarde, aproveitando um estágio de dois meses que fiz no Centre de Recherches Historiques da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris, como professor visitante – entre dezembro de 2005 e fevereiro de 2006 – pude aprofundar minhas pesquisas e ir construindo um considerável “quadro historiográfico” sobre a História do Coração, tema central de um outro artigo.

Desde então, estudo e tento definir, sistematizar e delimitar que história do coração humano é esta que sou instigado a escrever? Confesso que ainda me sinto um pouco perdido nas sístoles e diástoles que provêm deste tão grande e profundo “objeto” de estudo. Mas, de tudo aquilo que li, pensei e anotei ao longo deste quase um ano de envolvimento com o tema, alguns pontos, algumas intuições e poucas certezas foram emergindo. E é sobre essas poucas certezas, pistas e intuições que gostaria de comentar a seguir.

Por que, Para que e Como Escrever uma História do Coração Humano

Em primeiro lugar estou consciente de que um tema como este, assim tão vasto, não se “cobre” ou se “esgota” numa “tacada” só. Ainda que às vezes vislumbre a produção de um livro chamado “A História do Coração Humano”, dotado de capítulos que tracem de forma cronológica a trajetória sobre o conhecimento e a representação deste órgão na história em suas múltiplas facetas – do tipo: o coração na Grécia Antiga; o coração para os romanos; o coração na cultura medieval, etc... – isso não quer dizer que esta certa história que me toca escrever tenha necessariamente este formato.

Isso porque começo a intuir que não é a forma a marca distintiva desta certa história. Sua marca distintiva deverá ser, sem dúvida, a abordagem. Mas também não a abordagem no sentido de um estilo de problematização: história social, cultural, etc. Sem dúvida que esse tipo de abordagem – na linha culturalista, dialogando sem dúvida com a chamada história do corpo, tão em voga atualmente – se fará necessariamente. Mas o mais importante nessa perspectiva da abordagem é para quem se dirige esta história e quais as questões que procura responder. Isso é o fundamental. Essa deverá ser sua marca distintiva.

Todo trabalho historiográfico parte de um determinado contexto do presente e surge, muitas vezes, para responder a certas questões geradas neste mesmo contexto. Como disse, a idéia deste projeto, de se estudar este tema, não surgiu por acaso e a repercussão que ele tem tido tampouco é algo intranscendente.

Há necessidade de se voltar ao coração, de se lembrar o coração, de se redescobrir o coração como um todo, na sua integridade, como nos fala Tamaro. Isso porque, depois de mais de um século de desenvolvimento das ciências biomédicas e particularmente da cardiologia, o coração - que é mais do que simples músculo - foi sendo esquecido e as conseqüências disto têm sido sentidas de forma muito dramática nos tempos que correm. O romance de Tamaro é apenas um exemplo.

São inúmeras as publicações e *sites* da *internet* que chamam a atenção para a necessidade de se compreender o coração para além do seu aspecto “biológico”. Sem dúvida, ninguém discorda da existência de um outro coração, ao qual nos referimos para falar dos sentimentos, dos amores, etc. O coração dos poetas, dos artistas, dos filósofos... E o chamamos, geralmente, de coração metafórico. Porém esta distinção cartesiana entre o real e o simbólico, entre o orgânico e o metafórico tem desembocado numa visão cindida do homem e do mundo que traz conseqüências complicadas do ponto de vista ético e humanístico – lembro-me agora de um comentário feito pela mesma aluna autora da “pergunta fatal”, que numa das nossas discussões afirmava: “Quando eu vejo no coração humano apenas um músculo, um órgão, eu me sinto à vontade para fazer o que quiser com ele. Se eu o visse como o centro do espírito, da alma da pessoa, obviamente que minha atitude seria diferente...” Isso nos remete, sem dúvida, às discussões sobre a questão dos transplantes, da construção de corações artificiais, do uso de células-tronco embrionárias em terapias coronarianas, etc...

Ou seja, uma História do Coração Humano para o nosso tempo deve necessariamente, a meu ver, partir deste contexto e destes questionamentos e dialogar com eles todo o tempo. Eis o ponto de partida desta certa história. Há uma necessidade humanística, ética... Nesse sentido o questionamento de Tamaro, já citado anteriormente, parece ter razão:

A mente é tão moderna quanto o coração é antigo. Quem liga para o coração – pensa-se então – ainda está perto do mundo animal, do descontrolado, ao passo que quem cuida da razão se aproxima das mais elevadas reflexões. E se as coisas não fossem assim, se a verdade fosse exatamente o contrário? Se fosse justamente esse excesso de razão o que desnute a vida? (TAMARO,1995, p.61-2)

Séculos de racionalismo e cientificismo ajudaram a compreender muito bem o funcionamento e o papel do coração enquanto órgão do corpo humano. Entretanto, o desprezo ou o simples esquecimento de todo um outro conhecimento, de toda uma outra abordagem não apenas do coração, mas do homem como um todo, trouxe conseqüências nefastas que não apenas emergem em obras como a de Tamaro, mas também em reflexões e vivências como as de uma estudante de medicina no princípio do século XXI.

Em suma, a menção, a idéia de uma história do coração humano repercute tanto e tão bem entre as pessoas, porque ela é querida, desejada – ainda que talvez este desejo muitas vezes nem seja consciente. Há uma saudade do coração em sua totalidade; do coração que é órgão e metáfora ao mesmo tempo, do coração que é realidade e imagem, que é um símbolo-real – como afirma Karl Rahner, num magnífico verbete sobre o coração na *Encyclopédie de la Foi*. (Cf. RAHNER, 1965, p.194-203)

Portanto, está claro o porquê e para quê se escrever hoje uma História do Coração. O próximo passo é o de se estabelecer como esta “certa” história do coração humano deve ser escrita.

Em primeiro lugar, se esta “certa” história tem como objetivo recordar este coração por inteiro, na sua totalidade, deve, obviamente, buscar fontes apropriadas. E estas fontes provêm, na sua maioria, de períodos anteriores à revolução científica, ao racionalismo, ao iluminismo. Para conhecer o coração além da dimensão “cardiológica” é preciso ir para textos e imagens muito antigas que são os referenciais para tudo o que virá depois. Refiro-me aqui, por exemplo, aos textos bíblicos, à literatura mítica, aos tratados místicos e teológicos, dentre outros.

A partir do considerável levantamento de bibliografia e fontes realizado nas bibliotecas francesas, pude identificar as principais correntes históricas que, no Ocidente, vão determinar um saber referencial sobre o coração humano e que, de certa forma, continuam, ainda que de modo inconsciente, influenciando autores como Susanna Tamaro e também, de certa forma, de toda literatura que aborda o tema da inteligência emocional e, de maneira particular, cabe apontar a produção de um grupo norte-americano denominado HeartMat. (Cf.PADDISON, 2004)

Em segundo lugar, esta “certa” história do coração deve, de alguma forma, procurar responder àquela questão apresentada acima, formulada pela estudante de medicina, expressando uma perplexidade que certamente não é particular, mas, sem dúvida, geracional: Quando, em que momento – e nós poderíamos acrescentar também “por quê?” - o coração deixou de ser esta coisa tão complexa, centro do espírito e da alma, para passar a ser apenas um músculo? E isso nos levaria a ter de enfrentar a questão do desenvolvimento

do conhecimento científico sobre o coração humano, algo que nos remete a Willian Harvey e ao desenvolvimento da cardiologia, por um lado, e a Descartes e ao desenvolvimento do raciocínio racionalista, por outro. Sem ignorar toda a discussão sobre a querela da predominância entre coração e cérebro que remete a Platão e Aristóteles – o que faz desta tarefa historiográfica uma aventura muito complexa, ainda que fascinante... A “transformação” do coração em músculo e a “invenção” do coração metafórico apresenta-se, sem dúvida, como uma questão central nesta “certa” História do Coração Humano que é preciso escrever.

Por último – pelo menos é assim que vejo no momento – esta “certa” História do Coração terá também de identificar e analisar o desenvolvimento das – poderíamos assim dizer – linhas dissidentes do pensamento moderno. Ou seja, a reflexão daqueles que em meio à predominância do racionalismo, do cientificismo e do positivismo ousaram reivindicar uma visão diferente, procurando integrar outras visões e saberes e que, por fim, não “compraram a idéia” do coração cindido. É o caso clássico de Pascal – a quem tive a oportunidade de ler mais detidamente – mas também de outros de quem me chegam algumas notícias promissoras: como Bérqson e Bachelard, para citar apenas dois dos mais conhecidos. Sem falar em Rahner, a quem já citei anteriormente e que apresenta uma leitura absolutamente densa e heterodoxa a respeito do coração, transitando entre a filosofia, a teologia e a psicologia.

Investigar estas linhas dissidentes apresenta-se, portanto, como uma tarefa essencial neste trabalho historiográfico, não apenas para “ilustrar” a falta de unicidade do pensamento moderno em relação ao tema, mas também como forma de se encontrar novas leituras sobre o coração – que busquem compreendê-lo numa perspectiva mais integral – dentro desta mesma tradição.

Como disse acima, tais norteamentos e definições ainda são muito preliminares e vagos, porém começam já a servir como ponto de partida para esta grande aventura que, sem dúvida, será a de pesquisar e escrever a História do Coração Humano. O primeiro passo já foi dado. O tema me atingiu, me tocou e me mobilizou. Procurei responder e me deparei com um “projeto” ambicioso, quase assustador. Norteado por essas pequenas descobertas e intuições tenho

procurado avançar. O próximo passo será o de transformar essas embrionárias balizas em fundamentos de um verdadeiro projeto de pesquisa, ou melhor, em projetos de pesquisa, que deverão se realizar e se suceder no tempo, ao que tudo indica. A sistematização dessas três fases ou desses três questionamentos fundamentais deve, pois, nortear toda esta imensa e laboriosa tarefa de transformar a idéia em realidade concreta.

Alegra-me perceber que posso contar com a ajuda intelectual e cordial de muitos amigos, que vêm escutando, lendo, discutindo e aconselhando-me com interesse e entusiasmo. Por outro lado, a expectativa entre meus alunos, colegas e simples conhecidos e desconhecidos é fonte de estímulo constante, que afasta a tentação de desânimo. Espero, por fim, que dele, do meu objeto de estudo, não me falte alento para continuar levando adiante este projeto que ele mesmo suscitou.

Referências

Deus Caritas Est. Carta Encíclica de 25 de dezembro de 2005, no 3 e ss.

Macmillan Dictionary of Life Sciences. 2nd Ed., London, Market House Books, 1991, p. 172.

CLAUDEL, Paul. “Le Coeur Compte” in *Le Coeur; Études Carmelitaines.* Desclée de Brouwer, 1950, p.11-13.

PADDISON, Sara. *O Poder Oculto do Coração: fonte inesgotável de inteligência,* Cultrix, 2004.

RAHNER, Karl. “Coeur; Étude Theologique” in *Encyclopédie de la Foi.* Tome I. Paris, Les Éditions du Cerf, 1965, p.194-203.

TAMARO, Susanna. *Vá Aonde seu Coração Mandar.* Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

Recebido em dezembro de 2006
Aprovado em janeiro de 2007